

PATRICK BLANC CRIA SEU EDEN

ENTRE CASCATAS DE PLANTAS,
VAPORES-D'ÁGUA E PEIXES, VIVE O BOTÂNICO
FRANCÊS INVENTOR DO MURO VEGETAL.
SEM VISTA PARA O MUNDO EXTERNO,
SUA CASA NÃO IMPLICA CONFINAMENTO –
VOLTA-SE, PELO CONTRÁRIO, PARA
UMA SELVA PARTICULAR

POR ANTONIO NIETO | FOTOS FREDERIC DUCOUT



Junto ao jardim vertical, na área externa,
Patrick Blanc montou seu escritório



Ao lado e mais à esq., flores, estampas étnicas e perfume naïf cobrem de poltronas a almofadas, distribuídas abundantemente sobre o longo sofá vermelho no estar, com piso que mescla pedras e argamassa; e, abaixo, o viveiro particular de Patrick Blanc, no interior de sua casa

PELA PRIMEIRA VEZ, o botânico e paisagista parisiense Patrick Blanc, inventor do muro vegetal, abre as portas de seu paraíso verde na capital francesa, adquirido há mais de dois anos. É uma área de 400 m² que se estende ao redor de um pátio fechado, mas não confinado, graças aos jardins verticais que correm ao longo das altas paredes dessa antiga olaria. Seu conceito de verticalização das plantas se inspira na observação da natureza, que, principalmente nos países tropicais, teme o vazio e se intromete nas menores reenclausuras de rochas – por vezes, sem terra para se arraigar. Ainda adolescente, foi em seus aquários, uma paixão que mantém até hoje, que ele experimentou os sistemas de filtro vertical natural, graças às plantas aquáticas capazes de absorver a poluição da água.

O termo “casa”, na verdade, não é muito apropriado para este lugar atípico. Foi necessária toda a genialidade do criador que é Patrick Blanc para fazer essa espécie de éden, em que uma multiplicidade de plantas, peixes, aves e até lagartos de

Madagascar coabitam em harmonia, banhados por abundante luz zenital.

A fronteira entre o exterior e o interior é sutilmente delimitada nessa antiga construção do início do século passado, transformada, há 15 anos, por Francesco Passanti, para criar os espaços que existem hoje. Ele pensou no local como uma casa típica italiana, com piso de pedras polidas misturadas com argamassa. Nessa reforma é que foi realizado o pátio, ao redor do qual a construção se articula, com direito a reservatório de água aquecida. Bem-iluminado, o ambiente evita uma impressão de enclausuramento que a arquitetura, sem uma vista real para o mundo externo, poderia suscitar.

Um ano de trabalho foi necessário para decorar a residência e, sobretudo, conceber o Cristarium, o aquário de 100 m², no living, sobre o qual se pode caminhar para admirar peixes e plantas aquáticas. Esse grande tanque de vidro permitiu dividir o ambiente e criar um nível suplementar que anima e estrutura o espaço. Quase 2 mil peixes



Paredes brancas e luz abundante valorizam plantas e peças, como a Heart Cone Chair (à dir.), de Verner Panton para Vitra. Na pág. ao lado, a biblioteca se debruça no aquário sobre o qual se pode caminhar



A MÚSICA DA ÁGUA, AS PLANTAS, OS LIVROS. TUDO SE MISTURA PARA CRIAR UMA BELA HARMONIA NA CASA



O quarto se abre para a sala de banho (abaixo), conectada ao terraço. Na pág. ao lado, no alto, azulejos coloridos no banheiro; e, abaixo, a vegetação que envolve o pátio



compartilham o aquário, com mais de 60 espécies provenientes da África, Malásia e Amazônia.

A água é onipresente na casa. As salas de banhos são concebidas para que a água flua tanto dentro quanto no exterior (no terraço), sem obstáculos. É uma felicidade poder, em pleno inverno, tomar uma ducha lá fora, admirando o pátio e o reservatório de água, cujos vapores quentes espalham-se pelo ar. São áreas recobertas de materiais antiderrapantes, como a ardósia verde, que tem face aveludada.

No grande living, a biblioteca, projetada pelo arquiteto Gilles Ebersolt, fica junto a plantas. “O que não afeta em nada os livros [muitos deles com lombadas verdes, em sua maioria, de arte e guias de viagens], os discos de Jacques Brel e Édith Piaf e os documentos consagrados à cantora e comediante Zarah Leander, contrariamente ao que se pode pensar”, esclarece Blanc, do alto de sua experiência de bibliófilo.

A música da água, as plantas, os livros. Tudo se mistura de forma quase mágica para criar uma harmonia na sala, que tem paredes brancas, poltronas coloridas com pinturas florais e naïf, um longo sofá vermelho recoberto com múltiplas almofadas e algumas flores artificiais como uma brincadeira face à grande quantidade de plantas verdadeiras. As 300 espécies vegetais que revestem os muros são, de certa forma, um resumo da história de vida de Patrick Blanc, lembranças de inúmeros trabalhos, passeios e longas viagens.



Para atender seus clientes, Blanc passa meses circulando por outros países. Os projetos passaram a fluir depois do festival de Chaumont-sur-Loire, em 1994, em que o botânico se arriscou no uso de plantas temperadas, até então um mistério para ele, profundo conhecedor do mundo tropical. Entre seus admiradores, há gente famosa. “Em 2001, a designer Andrée Putman me pediu para realizar um jardim vertical num muro exterior do hotel parisiense Pershing Hall. O impacto midiático foi forte e representou o início da realização da agora famosa fachada do Musée du Quai Branly, com 800 m²”, diz. “Diante de um muro vegetal, o ser humano deixa-se levar pela natureza. Verticalmente instaladas, as plantas dialogam de igual para igual com o espectador, asseguram seu próprio crescimento e se expõem por completo, das raízes às folhas e flores.”

Após o evento em Chaumont-sur-Loire, Patrick Blanc criou 300 jardins verticais. E não para de sonhar. No aconchego de sua casa, onde os reinos animal e vegetal convivem em paz, ele fica imaginando talvez criar, dentro de pouco tempo, um projeto de selva povoada por animais que abrigaria uma sala de espetáculos, um restaurante, um bar... Uma nova ousadia em tons de verde. ■

